

A TRADUÇÃO DO DIALECTO CARIBENHO PARA PORTUGUÊS: O ESTUDO DE CASO DE “LOVE, LOVE, LOVE ALONE” DE V. S. NAIPAUL

Catarina Xavier
Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa
catarina.andradexavier@gmail.com

Resumo: O tradutor centraliza em si mesmo o processo de tradução e, conseqüentemente, o processo de mediação entre línguas, bem como sistemas de cultura. Esta mediação pressupõe não só o interface de dimensões distintas como a comunicativa ou a semiótica, que interferem na tradução, mas também a identificação do tradutor como receptor e como produtor na medida em que é, na realidade, um leitor do TP e o autor do TC. Tomando em conta estas considerações, pretendemos analisar um *corpus* dialogal comparativo do conto “Love, Love, Love Alone” de V. S. Naipaul pois o autor caracteriza as suas personagens com o dialecto desprestigiado caribenho, depositando um problema nas mãos do tradutor pelas questões de expectativa do leitor da cultura de chegada.

Palavras-chave: tradução, variação linguística, variação dialectal, estereotipização linguística.

Abstract: The translator incorporates the process of translation and, consequently, the mediation between languages and systems of culture. This mediation implies the interface of distinct dimensions such as the communicative or the semiotic. The translator is, at the same time, a reader of the source text and the producer of the target text. Bearing this in mind, this paper’s intention is to analyse the short-story “Love, Love, Love Alone”, by V. S. Naipaul, as the characters’ speech is mainly non-standard Caribbean English. Socio-cultural restricted elements such as this are a problem to translation due to expectancy norms in the target culture.

Keywords: translation, linguistic variation, dialect variation, linguistic stereotyping.

1. Introdução

A variação é o retrato mais significativo de “a língua ser viva” (Ferreira, 1996: 479), sendo característica inerente a qualquer língua e, portanto, universal da linguagem. Ferreira (1996: 479) acrescenta ainda que:

O homem vive integrado numa sociedade, a qual tem a sua hierarquia, a sua organização própria, os seus grupos. Cada um destes grupos sociais (etários, socioprofissionais, etc) possui códigos de comportamento que o diferenciam dos demais e permitem, dentro do grupo a identificação mútua. O modo de falar faz parte desse conjunto de códigos.

É exactamente este campo da variação linguística, a variação diastrática, conjuntamente com a variação geográfica, que traremos à discussão que se irá propôr em seguida. Pode afirmar-se que ambas têm repercussões ao nível do *continuum* padrão/não-padrão regional e social, na medida em que geram específicos contextos de atitudes, com base em juízos de valor e relações de poder interpessoal. Trudgill (2000: 9) explicita este contexto atitudinal: “[A]ttitudes towards non-standard dialects are attitudes which reflect the social structure of society. In the same way, societal values may also be reflected in judgements concerning linguistic varieties”, podendo ainda esta noção ser correlacionada com um factor fundamental na estruturação da sociedade, i.e. o prestígio (Hatim e Mason, 1990: 42). Num contexto de situação comunicativa típico, ambos os falantes são identificados e identificam o interlocutor pelas suas escolhas e conseqüente produção de significados sócio-semióticos que dão pistas acerca de grupo social, escolaridade, entre outros.

Neste enquadramento, podemos confirmar que os lexemas dialectais surgem nos textos ficcionais como forma de caracterizar personagens com a linguagem real do dia-a-dia. A importação

deste contexto de variação linguístico-social para os meandros da Literatura deposita problemas no processo de tradução, na medida em que um vocábulo culturalmente restrito e com forte conotação social exige uma ponderação extra acerca do contexto de recepção do texto de chegada, e sua capacidade de aceitação do desvio.

2. A variação linguística e seu propósito ficcional

O uso da conjectura variacional é recorrente na Literatura como forma de caracterizar personagens, podendo afirmar-se que remonta, na Literatura Inglesa, até Chaucer, no século XIV, em *The Reeve's Tale*, com uma clara adopção da variedade nortenha nas personagens de **Aleyn** e **John**, com uma óbvia função satírica. Então, se imitar a realidade é um dos objectivos da ficção, a Literatura tem vindo a incluir, através de estereótipos caricaturais, dialectos desprestigiantes para que o leitor reconheça de imediato as marcas identificadoras de estratos sociais e possa, assim, posicionar as personagens num *continuum* de prestígio. Consequentemente, a função de recriação linguística só tem significado semiótico, para o receptor, se este partilhar dos mesmos estereótipos, na medida em que ambos os pólos - de produção e de recepção - da narrativa estão inseridos num contexto sociocultural específico, com valores comuns no que respeita às atitudes sociolinguísticas.

Recorrendo a esta conceptualização de partilha de valores linguísticos entre falantes, o autor ficcional elabora a sua personagem dando-lhe um perfil social com base num idiolecto próprio e identificativo. Com a finalidade de dar voz própria à personagem (Tamasi, 2001), procede à manipulação das ferramentas linguísticas que tem ao seu dispor. Interessante é mesmo verificar a forma como os autores ficcionais seleccionam as características dialectais

mais salientes e, daí, com maior potencial estigmatizante. Hickey (2000: 58) esclarece:

It is probably fair to say that the elements in a variety or language which are most salient for its speakers are those used in linguistic stereotypes. These are prominent features which speakers manipulate consciously, largely to achieve some kind of comic effect.

Assim, e recuperando a definição de Rosa (2003: 175) a inserção dos lexemas desviantes não-padrão pode ter como objectivo identificar o sociolecto da personagem e, portanto, inseri-la num grupo com uma gíria característica ou, então, pode tencionar descrever um discurso próprio do falante. Uma personagem pode, ainda, ser caracterizada com um diálogo desviante num contexto de situação específico, querendo estabelecer uma ruptura com o seu discurso típico prévio e demonstrando, assim, uma motivação de estádios passageiros com carga emotiva, positiva ou negativa, muito forte.

3. *Corpus* e Metodologia

Tomando como ponto de partida este enquadramento do uso caricatural de variedades linguísticas, seleccionámos como *corpus* de análise uma amostra dialogal retirada da *short story* “Love, Love, Love Alone”, do livro *Miguel Street* de V. S. Naipaul (Naipaul, 1981) e seu par traduzido para Português Europeu (Naipaul, 2003). Através da análise comparativa de texto de partida (TP) e texto de chegada (TC) pretende-se, aqui, descortinar a (não) existência de uma estratégia de normalização na tradução e compreender até que ponto o dialecto não-padrão é recriado. Com esta finalidade em vista, recorreu-se à seguinte metodologia inicial, recuperada dos propostos de Rosa (2003: 305):

- Classificação das variedades literárias presentes no TP como padrão, oral ou sub-padrão; a identificação das características extralinguísticas conotadas; e a classificação do nível de codificação linguística dos desvios relativamente à norma;
- Classificação das variedades literárias presentes no TC como padrão, oral ou sub-padrão; a identificação das características extralinguísticas conotadas; e a classificação do nível de codificação linguística dos desvios relativamente à norma;
- A análise comparativa das percentagens médias correspondentes a cada categoria nos dois sub-corpora.

4. Enquadramento teórico

Recorrer-se-á, também, à terminologia de Basil Hatim e Ian Mason exposta em *Discourse and the Translator* (1990), como forma de enquadrar os resultados dos processos acima transcritos, no que conta ao nível da conotação das variantes apresentadas, descrevendo assim a complexidade da textura da amostra de “Love, Love, Love Alone”. Expondo sucintamente os propostos dos autores, referimos que Hatim e Mason apresentam a textura de um texto como um resultado complexo da intersecção do significado comunicativo, da dimensão pragmática e do valor semiótico. De relevo ao que será analisado aqui, serão não só os conceitos de “user-related”, no que conta ao significado comunicativo, mas também a conotação dos signos semióticos. No que conta à variação “user-related” o que nos importa maioritariamente são os termos: 1) dialecto geográfico – já que a acção se desenrola em Trinidad, nas Caraíbas; 2) dialecto social – recuperando a estratificação linguística e sua projecção social; 3) dialecto padrão – a norma linguística que por motivação de um contexto de atitudes sociais próprio é vista como superior.

Ainda, importa enquadrar as distinções atrás referidas com a capacidade de conotar significados extralinguísticos. Neste enquadramento, o dialecto não-padrão – geográfico ou social – transmite

ao leitor significação ao nível do grupo social e nível de escolaridade, e daí o desprestígio ou marginalidade da personagem. O leitor retira, desta forma, conclusões acerca do estatuto relativo das personagens e relações de poder que se entrelaçam no texto.

5. Especificidades linguístico-semióticas do dialecto do TP

Estando em análise a amostra dialogal de “Love, Love, Love Alone” (*vide* anexo 1), é nítida a relevância dada a características não-padrão na maioria das personagens, já que cinco personagens, num total de seis, são falantes de não-padrão (*vide* tabela 1).

	TP				TC			
	Padrão	Não-padrão		Oral	Padrão	Não-padrão		Oral
Personagens		Morf sint.	Léxi-co			Morf sint.	Léxi-co	
Hat	4	13	2	2	17	1	3	3
Boyee	3	2	0	1	3	0	0	2
Narrador	1	2	0	0	4	0	0	0
Eddoes	1	1	0	0	2	0	0	0
Mrs. Hereira	29		0	3	28	0	0	3
Mãe	17	17	2	3	27	1	4	9
Total	55	25	4	9	81	2	7	17

Tabela 1. Orações Padrão, Não-padrão e Oral em TP e TC

No texto de partida, comprova-se a predominância deste dialecto geográfico não-padrão, o *Caribbean English*, um crioulo de base inglesa, descrito por Melchers e Shaw (2003: 122): “Caribbean English (...) is probably derived from pidgin forms of communication used first between the slaves and the sailor during the time of

the notorious ‘Atlantic Triangle’ and later between the slaves and the landowners”. Este é um dialecto de notável complexidade linguística por motivo da sua história recente na ilha de Trindade:

Trinidad has been English-speaking for less than two centuries. The first colonizers were Spanish and in the early nineteenth century French was the predominant language ... Today, English is the mother tongue of most Trinidadians. (Melchers e Shaw, 2003: 123)

Das características não-padrão (*vide* tabela 2) se pode inferir também, para além da óbvia escolaridade baixa do falante, um estrato socio-cultural muito baixo.

Reduplicação do adjectivo	Pretty pretty
Supressão do verbo <i>to be</i>	He ugly like hell
Supressão de <i>it</i> enquanto <i>dummy subject</i>	Is easy to put two and two
Não inversão de sujeito na Interrogativa	How you could let a man like that disgrace you so?
Utilização de Presente pelo Passado e Partícipio	I think I see that woman somewhere else
Pronome em sujeito em vez de objecto	I see she
Auxiliar suprimido na Interrogativa	How a pretty nice woman like that come to get mix up with a man like that?
“There be” substituído por “It have”	It have a lot of things I could sell them.

Ain't	I ain't see those people
Nomes não contáveis pluralizados	those people bring in any furnitures at all
-s de terceira pessoa, singular, suprimido	If that dog ever get away
Supressão do possessivo	this boy father
Supressão de preposição	You come here asking me advice

Tabela 2. Características não-padrão no TP

Desta forma, o autor do texto de partida selecciona os parâmetros necessários à percepção do significado comunicativo do falante, recuperando Hatim e Mason, mas é exigível uma análise que compreenda as nuances do valor sócio-semiótico que se impõe com o uso não inocente desta variedade na *short story*. Podemos afirmar que o desprestígio conotado é evidente, assim como a marginalidade dos seus participantes - que se sabe residirem num bairro pobre da ilha - e mais ainda pelo conflito linguístico destes com a personagem Mrs. Hereira, caracterizada pelo uso de *Standard English* e apresentada como sendo de outro estrato social:

This lady didn't fit in with the rest of us in Miguel Street. She was too well-dressed. She was a little too pretty and a little too refined, and it was funny to see how she tried to jostle with the other women at Mary's shop. (Naipaul, 1981: 116)

Não é, também, despropositado o facto de esta senhora, para além de falante de padrão, ser sempre apresentada como “Mrs.” em oposição a todas as outras personagens. Lyons (1977: 576) confirma a estratificação interpessoal pelo uso de diferentes formas

de tratamento: “Once again, the most obvious correlate of social status in language behaviour (...) is in the use of particular terms of address and personal pronouns.”

A posição do *Caribbean English* no texto de partida é nitidamente basilectal, funcionando apenas como símbolo do acrolecto a personagem Mrs. Hereira, de forma a estabelecer um contraste.

Vejam, ainda, um comentário relevante do narrador:

At first my mother was being excessively refined with the woman, bringing out all her fancy words and fancy pronunciations, pronouncing comfortable as cum-foughtable, and making war rhyme with bar, and promising that everything was deffynightly going to be all right. Normally my mother referred to males as man, but with this woman she began speaking about the ways of mens and them. (Naipaul, 1981: 117)

Esta observação do narrador demonstra não só a consciência linguística desta falante de não-padrão, bem como o domínio de mais do que um registo conforme a situação. Recuperando os propósitos de Halliday *et al.* (1964): “The category of register is postulated to account for what people do with their language. When we observe language activity in the various contexts in which it takes place, we find differences in the type of language selected as appropriate to different types of situation” podemos afirmar que a mãe do narrador, consciente do seu estatuto na sociedade, quando se depara com alguém que julga pertencer a um estrato social mais elevado, muda de registo numa tentativa de aparentar também o ser, dando, contudo, origem à hipercorreção, i.e. “The desire to distance oneself from what are considered underisable pronunciations is a common trait” (Hickey, 2000: 67).

6. A análise

Passando, em seguida, à análise do TC, segundo o modelo de Hatim e Mason, cedo se notam os desvios em relação ao TP. Da localização geográfica e social dos falantes, pouco significado comunicativo retiramos já que, da primeira não há qualquer indício, e o raro calão (ex: “gajo”; “que raio”) também pouco ajuda ao posicionamento num *continuum* social. Observe-se, então, os resultados da classificação das características presentes na amostra (vide Figura 1 e Figura 2):

Fig. 1

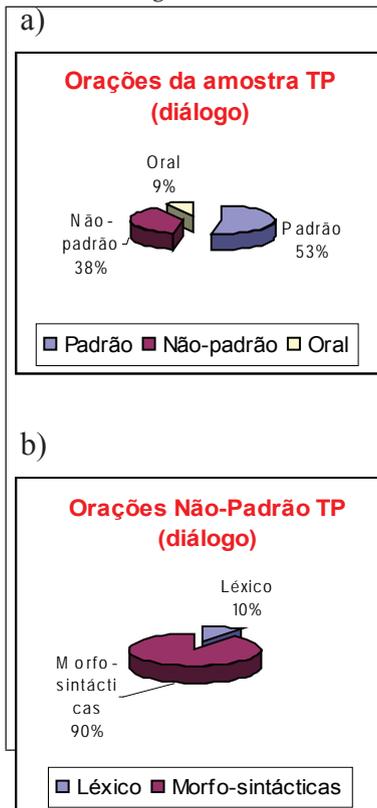
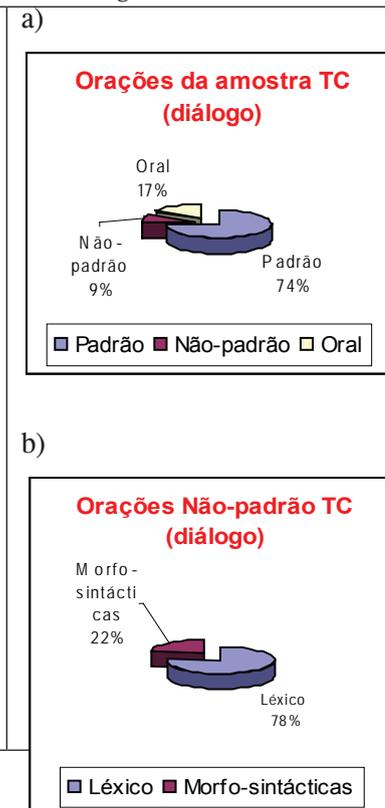


Fig. 2



Note-se que, à individualidade geográfica e social das personagens em TP demonstrada pela utilização do não-padrão (o basilecto caribenho utilizado em 38% das orações), corresponde apenas 9% dos casos em TC, compensando-se esta falta com o uso de marcas de oralidade (17% em TC contra apenas 9% em TP), numa tentativa mais de retratar o não uso do padrão, do que mais propriamente do não-padrão. Enquanto que a percepção do não-padrão pelo leitor é conseguida, em TP, pela recorrência a desvios morfo-sintácticos (90%) (“You know, Hat, I think I see that woman somewhere else. I see she when I was delivering milk up Mucurapo way”) - em detrimento dos desvios lexicais, mais uma vez invertem-se os papéis no TC com 78% de lexemas desviantes (“ele é feio como os trovões, pá”) contra 22% de desvios morfo-sintácticos.

Podemos, então, questionar-nos acerca do valor sócio-semiótico de desprestígio em TC (como acontecia em TP) pois a oralidade não é um nítido retrato de um dialecto não-padrão, seja qual for a língua de estudo, sendo apenas codificador de situação conversacional e consequente (fraco ou alto) grau de formalidade.

Trazendo à presente análise a dicotomia aceitabilidade/ adequação de Toury (1995: 56/57) repare-se que o par lexical TP-TC “calypso”/ “calipso” não tem qualquer nota na tradução sendo prova máxima de uma tradução em adequação pois dos três Dicionários do Português Europeu, em pesquisa para o efeito, nenhum apresenta a entrada “calipso”. Disto se conclui que o leitor do TC, não tendo conhecimento prévio do significado da palavra para a cultura de partida, fica, na realidade, sem compreender que se trata de um cantar específico das Ilhas das Caraíbas.

7. Considerações finais

Where do the translator's loyalties lie? With (...) the source text or with the expectations of the readers of the target text? (Mason, 1994: 24)

A que conclusões podemos, então, chegar após a análise comparativa das amostras? Recuperemos Rosa (2003: 289):

Para solucionar o problema da tradução colocado pela variabilidade de conotações extralinguísticas e funções narrativo-literárias associadas à codificação de variedades literárias, o tradutor tem de optar por recriar ou não a relação entre o código e subcódigo das pseudovariedades linguísticas presentes no TP.

Ora, só podemos concluir que, para o conjunto da amostra dialógica, a conotação extralinguística de que acima se fala não é de todo alcançada em TC. o tradutor assumiu uma posição de neutralidade, evitando a estereotipização de qualquer dialecto, geográfico ou social, do Português Europeu. A função de primeira ordem que “permite inferir os traços socioculturais” (Rosa, 2003: 190) é perdida pela tradução pois a variedade enquanto código não é recriada, perdendo-se assim todo o significado comunicativo “user-related”.

Há, contudo, um único momento em que se opta por um estereótipo do português: “No início, a minha mãe era excessivamente delicada com a mulher, usando palavras caras e uma pronúncia chique, perguntando: «está cômoda?» em vez de «'tá cómoda?», fazendo com que a palavra «guerra» rimasse com «birra», e prometendo que as coisas se iriam «definitivamente» resolver” (Naipaul, 2003: 129). Podemos observar, aqui, resquícios de uma tentativa de pronúncia que chamaríamos “pronúncia de Cascais”, e que comporta toda uma série de conotações implícitas. O tradutor consegue transmitir a função do excerto em TP, algo que não teria acontecido se traduzindo em adequação.

A preferência pelo desvio lexical, em contraste com o desvio morfo-sintático, demonstra a influência que a aceitação do desvio pelo leitor tem nas escolhas do tradutor - o que Chesterman consideraria normas de expectativa - que opta pelo desvio com menos

grau de conotação desprestigiante. O tradutor não se vê com poder ou prestígio suficientes para retratar o não-padrão morfo-sintático, por receio da crítica, na sua ignorância, fechada à multiplicidade dialectal de Portugal.

Podemos igualmente declarar que num *continuum* “Padrão/ Oral/ Regional/ Social” de aceitação de desvio por parte do leitor, o tradutor não move o discurso até ao Padrão, i.e. a normalização ou lei da padronização crescente de Toury, sendo, contudo, óbvia a existência de uma estratégia de centralização, que se pode justificar não só pela expectativa do acima citado leitor, mas também pela posição periférica não só do tradutor, como também da literatura traduzida, neste caso, a Portuguesa em relação à Inglesa, no centro do sistema literário. Este enquadramento é fundamental na análise de estratégias tradutórias pois a posição relativa da cultura de partida e cultura de chegada e suas produções escritas condicionam o tradutor. Segundo Even-Zohar (1978: 51): “Not only is the socio-literary status of translation dependent upon its position within the polysystem, but the very practice of translation is also strongly subordinated to that position.”

Posto isto, resta-nos incluir as conclusões a que se chegou aqui no panorama dos Estudos de Tradução relacionados com a variação linguística. De acordo com Rosa (2003: 385) “espera-se que (...) a análise comparativa de TP e TC apresente escolhas reveladoras de uma tendência crescente no sentido de favorecer a tradução de marcas de discurso regional e social, divergentes da norma, presentes no TP”, contudo, este TC entra claramente em contradição com esta tendência. Se há uma tentativa cada vez maior de fazer vigorar a estratégia de descentralização, o TC em questão opta pela estratégia contrária, centralizante, e normalizando a especificidade da variedade TP, i.e. a variação geográfica não-padrão.

Bibliografia

EVEN-ZOHAR, Itamar. 1978. "The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem" in: *Literature and translation. New perspectives in literary studies*. Eds: J.S.Holmes, José Lambert e R. van den Broeck. Leuven: Acco.

FERREIRA, M.B. *et al.* 1996. "Variação Linguística: perspectiva dialectológica" in: *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Eds: I.H. Faria, E.R.Pedro, I.Duarte. C.A.M. Gouveia. Lisboa: Caminho.

HALLIDAY, M.A.K., McIntosh, A. e Strevens, P. 1964. *The Linguistic Sciences and Language Teaching*. London: Longman.

HATIM, Basil e Mason, Ian. 1990. *Discourse and the Translator*. London: Longman.

HICKEY, Raymond. 2000. "Salience, stigma and standard" in: *The Development of Standard English, 1300, 1800. Theories, Descriptions, Conflicts*. Ed: Laura Wright. Cambridge: Cambridge University Press.

LYONS, John. 1977. "Communicative Competence" in: *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.

MASON, Ian. 1994. "Discourse, Ideology and Translation" in: *Language, Discourse, and Translation in the West and the Middle East*. Eds: R. Beaugrande, A. Shunnaq e M. Heliel. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin's.

MELCHERS, Gunnel e Shaw, Philip. 2003. *World Englishes: an introduction*. London: Arnold.

NAIPAUL, V. S. 1981. "Love, Love, Love Alone" in: *More Modern Short Stories. For students of English*. Ed: Peter J. W. Taylor. Hong Kong: Oxford University Press.

NAIPAUL, V. S. 2003 “O Amor, o Amor, Apenas o Amor” in: *Miguel Street*. Tradução de Sofia Slotboom. Lisboa: Publicações D. Quixote.

ROSA, Alexandra Assis. 2003. *Tradução, Poder e Ideologia. Retórica Interpessoal no Diálogo Narrativo Dickensiano em Português (1950-1999)*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.

TAMASI, Susan. 2001. “Huck doesn’t sound like himself: consistency in the literary dialect of Mark Twain” in: *Language and Literature*, 2001; 10; 129. Sage Publications Online.

TOURY, Gideon. 1995. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam: John Benjamins.

TRUDGILL, Peter. 2000. *Sociolinguistics: An Introduction to Language and Society*. London: Penguin Books.

Anexo 1

Corpus dialogal comparativo – TP e TC

Hat, Is a man and a woman. She pretty pretty, but he ugly like hell, man. Portuguese they look like.

“É um homem e uma mulher. Ela é bem bonita, mas ele é feio como os trovões, pá! Portugueses, são o que parecem.

Boyee, You know, Hat, I think I see that woman somewhere else. I see she when I was delivering milk up Mucurapo way.

“Sabes, Hat, eu acho que já vi aquela mulher noutro lado. Vi-a quando ‘tava a distribuir leite, para os lados de Mucarapo.”

Hat, God, he is a first-class drinking-man, you hear.

“Meu Deus, este é um bebedor de primeira, ‘tão a ver.”

Narrador, How a pretty nice woman like that come to get mix up with a man like that?

“Como é que uma mulher assim bonita se envolve com um homem daqueles?”

Hat, Boy, you wouldn't understand. If I tell you you wouldn't believe me.

“Rapaz, não ias compreender. Se eu te dissesse nem acreditavas.”

Hat, If that dog ever get away it go have a big trouble here in this street.

“Se aquele cão alguma vez se solta, vai haver grandes chatices aqui na rua.”

Hat, You know, it just strike me. I ain't see those people bring in any furnitures at all. It look like all they have is that radio.

“Sabem, reparei agora que não vi aquela gente a trazer qualquer tipo de mobília para a casa. Parece que a única coisa que têm é aquele rádio.”

Eddoes, It have a lot of things I could sell them.

“Há muita coisa que lhe posso vender.”

Hat, Is easy to put two and two and see what happening there.

“É fácil juntar as peças e ver o que se está ali a passar.”

Narrador, What happening there, Hat?

“O que é que se está a passar, Hat?”

Hat, You too small to know, boy. Wait until you in long pants.

“És demasiado pequeno p'ra saber, rapaz. Espera até usares calças compridas.”

Mrs.Hereira, Help me! Help me! He will kill me if he catches me.

“Ajudem-me! Ajudem-me! Se ele me apanha, mata-me!”

Mrs.Hereira, I can't understand what has come over Toni these days. But it is only in the nights he is like this, you know. He is so kind in the mornings. But about midday something happens and he just goes mad.

“Não compreendo o que é que se tem passado com o Toni ultimamente. Mas é só à noite que ele fica assim, sabe. De manhã é tão meigo. Mas por volta do meio-dia acontece qualquer coisa, e ele endoidece.”

Narrador, At first my mother was being excessively refined with the woman, bringing out all her fancy words and fancy pronunciations, pronouncing comfortable as cum-foughtable, and making war rhyme with bar, and promising that everything was deffynightly going to be all right. Normally my mother referred to males as man, but with this woman she began speaking about the ways of mens and them.

No início, a minha mãe era excessivamente delicada com a mulher, usando palavras caras e uma pronúncia chique, perguntando: «está cômoda?» em vez de «'tá cômoda?», fazendo com que a palavra «guerra» rimasse com «birra», e prometendo que as coisas se iriam «difinitivamente» resolver. A minha mãe normalmente usava o termo «gajo» para se referir ao género masculino, mas com esta mulher começou a falar sobre a maneira de ser do «homem».

Mãe, The onliest thing with this boy father was that it was the other way round. Whenever I uses to go to the room where he was he uses to jump out of bed and run away bawling – run away screaming.

“Só que com o pai deste rapaz era tudo ao contrário. Quando eu entrava no quarto onde ele estava, saltava da cama e fugia a chorar, aos gritos.”

Mãe, Now, tell me, Mrs. Hereira, why you don't want to leave this good-for-nothing man?

“Diga-me, Sra. Hereira, porque não deixa esse gajo, que não presta p'ra nada?”

Mrs. Hereira, It is a stupid thing to say to you or anybody else, but I like Toni. I love him.

“Eu sei que é estúpido dizer-lhe isto, mas eu gosto do Toni. Amo-o.”

Mãe, Is a damn funny sort of love.

“Que raio de amor mais estranho.”

Mrs. Hereira, He has many good qualities, you know. His heart is in the right place, really.

“Tem muitas qualidades, sabe. Tem o coração no devido lugar, a sério.”

Mãe, I wouldn't know about heart, but what I know is that he want a good clout on his backside to make him see sense. How you could let a man like that disgrace you so?

“Quanto ao coração não sei. Mas o que sei é que ele precisa de levar um bom pontapé no traseiro p’ra começar a ter algum bom senso. Como é que foi deixar um homem assim desgraçá-la dessa maneira?”

Mrs. Hereira, No, I know Toni. I looked after him when he was sick. It is the war you know. He was a sailor and they torpedoed him twice.

“Não, eu conheço o Toni. Tomei conta dele quando esteve doente. Foi a guerra, sabe. Era marinheiro e foi duas vezes atingido por torpedos.”

Mãe, They shoulda try again.

“Bem que podiam tentar mais uma vez.”

Mrs. Hereira, You mustn't talk like this.

“Não diga isso.”

Mãe, Look, I just talking my mind, you hear. You come here asking me advice.

“Olhe, só ‘tou a dizer aquilo que penso, ‘tá a ouvir? Foi você que veio aqui pedir-me conselhos.”

Mrs. Hereira, I didn’t ask for advice.

“Eu não lhe pedi conselhos.”

Mãe, You come here asking me for help, and I just trying to help you. That’s all.

“Veio aqui pedir ajuda, e só ‘tou a tentar ajudá-la. É só isso.”

Mrs. Hereira, I don’t want your help or advice.

“Não quero a sua ajuda ou os seus conselhos.”

Mãe, All right, then. Go back to the great man. Is my fault, you hear. Meddling in white people business. You know what the calypso say:

Is love, love, love, alone

That cause King Edward to leave the throne.

“Então ‘tá bem. Volte lá p’ró grande homem. A culpa é minha, sabe, por andar a meter-me nos assuntos dos brancos. Sabe o que diz o calipso:

Foi por amor, amor, apenas amor

Que o Rei Eduardo perdeu trono e esplendor.”